CÉLULAS-TRONCOS EMBRIONÁRIAS: Uma revisão da literatura sobre sua utilização no tratamento da doença de Parkinson

Autor(res)

Shaiane Cunha Nascimento Sabino
Lucas Vinicius Souza Amorim
Pâmela Cristina Aragão Silva
Bruna Vitória Araújo Alencar
Thaynara Da Silva Pinto
Suellen Camily Oliveira Matos

Categoria do Trabalho

Trabalho Acadêmico

Instituição

FACULDADE ANHANGUERA DE IMPERATRIZ

Resumo

A Doença de Parkinson (DP) é uma imperfeição neurológica degenerativa que aflige os movimentos do corpo do indivíduo, podendo causar movimentos não intencionais, rigidez muscular, tremores de membros, alteração de equilíbrio e coordenação, levando o paciente cada vez mais à incapacidade de realizar algumas ações. Entre as evidências e os distúrbios neurológicos existentes, o Parkinson caracteriza-se como a segunda enfermidade neurodegenerativa em maior prevalência. Objetivo: Descrever a utilização de células-troncos embrionárias direcionadas para o tratamento da Doença de Parkinson. Método: O presente possui uma abordagem de estudo observacional e descritiva por meio de uma revisão de literatura, com o estudo através das principais bases, periódicos e levantamentos de produções científicas. Resultados: Observou-se que a terapia celular tem uma importante descoberta no tratamento da doença com a administração da técnica de transplante de células-troncos embrionárias para o cérebro, que podem reduzir em até 83% dos sintomas do paciente, auxiliando no controle dos movimentos e dessa forma favorecendo a área afetada pelo decréscimo de neurônios produtores de dopamina da doença de Parkinson. Após alguns meses, observou-se a regressão dos sintomas associados à enfermidade, e os pacientes voltaram a realizar atividades como deambular (caminhar), escrever e praticar movimentos mais rápidos, os quais melhoraram a qualidade de vida dos pacientes e dos seus familiares. Conclusões: Evidencia-se que o tratamento da doença de Parkinson por meio da implantação de células-troncos embrionárias possui uma eficácia demonstrada pelo retorno dos movimentos e ações que antes não eram realizadas pelos pacientes com o diagnóstico fechado.